

daí até 1875. O primeiro secretário foi Januário da Cunha Barbosa; o segundo, F. A. Varnhagen<sup>(110)</sup>. A *Revista* do Instituto Histórico começou a circular em 1838.

A 7 de agosto de 1844, o *Diário do Rio de Janeiro* publicava interessante anúncio: o do aparecimento da *Lanterna Mágica* “o mais importante jornal até hoje aparecido”, que traria duas personagens, “tipos da época contemporânea, Mrs. Belchorú e Lavernú”, seria sempre impressa com luxo, custaria dois mil réis por trimestre e as assinaturas seriam tomadas nas lojas de Paula Brito, à praça da Constituição, e Passos, à rua do Ouvidor. Encimava o anúncio: “Lanterna Mágica-Jornal de Caricaturas”. Sairia aos domingos, orientada por Araújo Porto Alegre e Rafael Mendes de Carvalho, que era o caricaturista. O novo jornal, que apresentava o primeiro sério avanço técnico na imprensa brasileira, rixava com *A Sentinela da Monarquia* e fazia a crítica dos costumes. O aparecimento da caricatura, de forma sistemática, traria à imprensa recursos cuja amplitude o meio iria começar a sentir e anunciava a mudança a que o processo político não ficaria imune.

A caricatura chegou à imprensa brasileira numa de suas fases mais difíceis, realmente: quando a agonia liberal avançava depressa e logo, esmagada a rebelião Praieira, estaria consumada. A mudança política, embora os jornais de oposição não desaparecessem, embora continuassem a surgir, aqui e ali, esporadicamente, uns poucos pasquins, traria à imprensa sérios reflexos. Trata-se da fase intercalar, em que, vagarosamente, surgem alterações específicas e técnicas, preparando a imprensa dos fins do século, quando os problemas políticos voltam a primeiro plano e empolgam novamente a escassa opinião existente: a possibilidade do jornal diário e a introdução da caricatura são os dois dados mais importantes desse momento; virão, em seguida, inovações na técnica de impressão e alterações no sistema de distribuição. A imprensa como que se preparava, na fase em que o clima político — que fora o seu grande estímulo — declinava. Retomará características que surgiram na fase encerrada por esse tempo, ao aproximar-se o fim do século. Estará, então, aparelhada para enfrentar nova etapa de expansão.

(110) Longa foi quase sempre a duração dos períodos presidenciais no Instituto: o visconde do Bom Retiro exerceu-a de 1875 a 1886; Joaquim Norberto, de 1886 a 1891; o conselheiro Aquino e Castro, de 1891 a 1906; o marquês de Paranaguá, de 1906 a 1907; o barão do Rio Branco, de 1907 a 1912; o conde de Afonso Celso, de 1912 a 1938; e José Carlos de Macedo Soares, de 1938 até hoje. A sucessão dos secretários aponta: Januário, Varnhagen, J. M. de Macedo, Araújo Porto Alegre, cônego Fernandes Pinheiro, Moreira de Azevedo, barão Homem de Melo, Henri Raffard, culminando, com Max Fleiuss, que exerceu a função por 43 anos, de 1900 a 1943. Instituição tradicional, o I. H. G. B. editou, desde 1938, a *Revista* que leva o seu nome, precioso arquivo de estudos e documentos de nossa história.